

## LIVROS OU PAPEL DE EMBRULHO?: INTERTEXTOS CATULIANOS EM DOIS EPIGRAMAS DE MARCIAL

Robson Tadeu CESILA<sup>1</sup>

**RESUMO:** Como todo e qualquer texto, os poemas do epigramatista latino Marco Valério Marcial (c. 38 d.C.-c. 104) são formados por outros textos, por outras vozes, com os quais dialogam e os quais absorvem e assimilam de maneira a gerar novos e ricos sentidos tanto na leitura do próprio texto de Marcial – o texto que alude – quanto na do texto aludido. Na comunicação a ser apresentada, exemplificarei alguns dos resultados de minha pesquisa de doutoramento, que versa sobre as relações intertextuais entre os epigramas de Marcial e as obras de Catulo, Virgílio e Ovídio. Para tanto, serão utilizados dois dos cerca de quarenta poemas que traduzo e analiso na tese: IV.86 e III.50, que dialogam intertextualmente sobretudo com os poemas 14 e 95 de Catulo.

**RÉSUMÉ:** Dans les épigrammes de Martial, il y a beaucoup d'allusions aux textes d'autres auteurs grecques et latins, lesquelles enrichissent avec de nouvelles significations la lecture de la poésie de Martial et des textes auxquels elle fait allusion. Ce phénomène intertextuel dans l'oeuvre du poète est le sujet de ma recherche de doctorat, qui privilégie les allusions faites aux oeuvres de Catulle, Virgile et Ovide. Dans cet article j'expose brièvement, au moyen de l'étude de deux poèmes, les objectives et les thèses que je soutiens dans ma recherche.

Como todo e qualquer texto, os poemas do epigramatista latino Marcial são formados por outros textos, por outras vozes, com os quais dialogam e os quais absorvem e assimilam de maneira a gerar novos e ricos sentidos tanto na leitura do próprio texto de Marcial – que é o texto que alude – quanto na do texto aludido. Trata-se do múltiplo e epistemologicamente versátil conceito de intertextualidade, sobre cujas polêmicas e diferentes definições não me cabe deter-me neste momento, dado o espaço escasso de que aqui se dispõe.<sup>2</sup> Basta dizer que meu interesse é nos vários intertextos, presentes na poesia de Marcial, que a põem em relação com outros textos (especialmente com a poesia de Catulo, de Virgílio e de Ovídio), e nos efeitos de leitura gerados por tais alusões. Este o objetivo principal de minha pesquisa de doutoramento, intitulada *O palimpsesto epigramático de Marcial: intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de Bîlbilis*. A seguir demonstrarei brevemente, por meio de alguns exemplos retirados do texto da tese, o tipo de análise que faço e proponho para o fenômeno intertextual na obra de Marcial.

Escolho dois epigramas, IV.86 e III.50, que contêm alusões aos poemas 95 e 14 de Catulo, tanto no plano da forma quanto no do conteúdo. Vejamos primeiramente IV.86, poema dirigido e dedicado a Apolinar, amigo do poeta e o mesmo indivíduo a quem é dedicado o livro VII:

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística/Letras Clássicas do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pesquisa financiada pela FAPESP. E-mail: robson.cesila@ig.com.br.

<sup>2</sup> Em minha tese de doutorado, em fase de conclusão, demoro-me um pouco sobre tais questões.

#### IV.86

Se por ouvidos áticos julgado  
queres ser, eu te exorto e te aconselho  
que ao douto Apolinar, livrinho, agrades:  
ninguém é mais preciso ou erudito,  
mas nem mais verdadeiro e compassivo.  
Se em sua boca e seu peito te acolher,  
não vais temer as mofas dos maldosos,  
nem túnicas molestas dar às sardas;  
se ele te condenar, pras caixas corras  
dos saladeiros, tu que bem mereces  
ter no verso rabiscos de criança.

Si uis auribus Atticis probari,  
exhortor moneoque te, libelle,  
ut docto placeas Apollinari:  
nil exactius eruditiusque est,  
sed nec candidius benigniusque. 5  
Si te pectore, si tenebit ore,  
nec rhonchos metues maligniorum,  
nec scombris tunicas dabis molestas:  
si damnauerit, ad salariorum  
curras scrinia protinus licebit, 10  
inuersa pueris arande charta.

Apolinar é apresentado, neste epigrama, como uma pessoa de muita cultura e muito minuciosa nos seus julgamentos estéticos sobre os poemas dos amigos<sup>3</sup>, mas, ao mesmo tempo, muito sincera nas observações que faz e compreensiva com as possíveis falhas poéticas (vv. 4-5). Em outras palavras, um indivíduo isento que saberia separar amizade de avaliação estética, daí os versos seguintes expressarem a confiança que merece como “crítico literário”: se considerar o livrinho bom, este estará protegido dos maldosos e do destino como papel de embrulho (vv. 6-8); se julgá-lo ruim, esse destino será inevitável (vv. 9-10). Ao que parece, Apolinar avaliava frequentemente os poemas de Marcial, e sempre positivamente, como demonstra o poema VII.26 (vv. 3 e 6-8).

O divertido *tópos*, presente nos versos 8-10, da destinação reservada aos livros contendo poesia de má qualidade foi certamente retomado do poema 95 de Catulo, como já detectara Paukstadt (1876). Eis o poema, na tradução de Oliva Neto (1996: 152):<sup>4</sup>

#### Catulo 95

*Esmirna* de meu Cina, após a nona messe,  
do início após o nono inverno surge  
enquanto Hortênsio fétido num ano só  
milhares de versinhos vomitou.  
*Esmirna* vai às ondas côncavas do Sátraco.  
*Esmirna* séculos em câs vão ler.  
E os *Anais* de Volúsio em Pádua vão morrer  
e aos peixes muita vez dar largas túnicas.  
Que eu em meu coração seus minimonumentos  
guarde e, tímido, a turba queira Antímaco.

Zmyrna mei Cinnae nonam post denique messem  
quam coepta est nonamque edita post hiemem,  
milia cum interea quingenta Hortensius uno  
*uersiculorum anno putidus euomuit*, 5  
Zmyrna cauas Satrachi penitus mittetur ad undas,  
Zmyrna cana diu saecula peruolunt.  
At Volusi Annales Paduam morientur ad ipsam  
et laxas scombris saepe dabunt tunicas.  
Parua mei mihi sint cordi monumenta sodalis,  
at populus tumido gaudeat Antimacho. 10

Os *Anais* de Volúsio (poetastro desconhecido, talvez originário de Pádua), apesar de extensos, são, segundo Catulo, poemas rústicos, sem graça, de péssima qualidade (em outro poema, 36, os chamara de “papéis cagados”, *cacata carta*, e os qualificara de *pleni ruris et inficetiarum*, “cheios de rusticidade e deselegâncias”). Seu destino, então, é limitar-se à pátria onde nasceu, onde suas folhas serão túnicas para as sardas (vv. 7-8)<sup>5</sup>, ou seja, mero papel para embrulhar peixes. O metapoema de Catulo, em consonância

<sup>3</sup> A imagem é reforçada pela assonância inicial do [e]: *Exactius Eruditiusque Est*.

<sup>4</sup> Os termos em itálico do original correspondem a conjecturas de Goold (cf. Oliva Neto, 1996: 247).

<sup>5</sup> No poema 36, o destino dos *Anais* de Volúsio são as chamas (cf. 36.8 e 18). Cf. também Marcial III.100 e IX.58, em que o destino adequado para os livros ruins será a água, e V.53, em que será o fogo e a água.

com os ideais neotéricos, critica os livros ou poemas muito extensos, louvando o epílio (*Esmirna*) de seu amigo, o poeta neotérico Caio Hélvio Cina, produto de nove anos de trabalho (vv. 1-2), e criticando os versos abundantes e rapidamente compostos (produto de um único ano), porém ruins, deselegantes, do orador Hortênsio. E, além dos *Anais* de Volúcio (provavelmente um longo poema épico ao estilo da obra eniana, como o nome sugere), critica ainda o poeta grego Antímaco de Cólofon (século V a.C.), autor de uma longa *Tebaida*, provavelmente em 24 livros (*OCD*, 1999, s.v.).

Vemos, portanto, que tanto o poema 95 de Catulo quanto o IV.86 de Marcial falam de *poesia* e do destino da *má* poesia. Além disso, note-se a semelhança dos versos que trazem esse motivo: trata-se do mesmo peixe (*scomber*), da mesma metáfora da indumentária (*tunica*) e do mesmo verbo (*dare*). Além disso, a construção é semelhante, com os mesmos casos em *scombris* (ablativo plural) e em *tunicas* (acusativo plural). O verbo está no futuro em ambos os poemas, diferindo apenas na desinência número-pessoal, pois Marcial está se dirigindo a seu livrinho (*dabis*), Catulo, falando dos poemas de Volúcio em terceira pessoa (*dabunt*). Quanto ao arranjo dos termos em relação aos pés poéticos, não se notam grandes semelhanças, dado o uso de metros diferentes (o verso de Catulo é um pentâmetro, o de Marcial, um hendecassílabo falécio), a não ser a posição do verbo como penúltima palavra do verso e de *scombris* próximo ao início, antes do verbo e de *tunicas*. Note-se que a adjetivação deste último termo difere: Catulo usa *laxas* (“largas”), em referência à extensão dos livros de Volúcio ou à não necessidade de se economizarem, nos embrulhos de peixes, as folhas de livro tão ruim; Marcial usa *molestas*, formando a expressão “túnicas molestas”, com que era chamado, dentre os antigos romanos, um dos métodos de execução de condenados, cujas roupas eram ensopadas em substâncias inflamáveis e incendiadas a seguir (*OLD*, 1985, s.v. *tunica*, 2c).<sup>6</sup>

Ao trazer o *tópos* e o material verbal do poema catuliano para seu epigrama IV.86, Marcial relaciona seus poemas àqueles criticados por Catulo em 95. Porém, o efeito obtido é de contraste: os poemas de Volúcio, em Catulo, tornar-se-ão “largas túnicas” para as sardas, pois são longos demais e pouco inspirados.<sup>7</sup> O livrinho de Marcial, porém, só terá esse destino se for desaprovado por tão justo e competente crítico como Apolinar. Intensifica-se, ademais, o elogio deste, como se vê nos versos 9-10, que demonstram a confiança que o julgamento estético do amigo deve receber: o livrinho, caso seja desaprovado, não deve sequer titubear, e sim correr rapidamente (*curras ... protinus*) para as caixas dos saladeiristas<sup>8</sup> (*salariorum ... scrinia*). E, no último verso, Marcial apresenta, com a mesma modéstia aparente, outro divertido destino para seu livrinho: tornar-se “papel” de rascunho para as crianças na escola, que aproveitariam o verso em branco da folha de papiro.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Talvez o epigramatista use metaforicamente essa imagem em referência a algum processo pelo qual se assavam os peixes envolvidos em folhas de papiro, tal qual fazemos modernamente usando papel laminado. As folhas de papiro, para não queimarem, teriam, evidentemente, de serem embebidas em alguma substância que as preservasse.

<sup>7</sup> O que agrava o problema: além de ruins (cf. Catulo 36), são longos! (cf. Marcial II.1.7-8).

<sup>8</sup> Ou seja, os que salgavam e vendiam carne e peixe (*OLD*, 1985, s.v. *saliarius*<sup>2</sup>). Atente-se para a aliteração em [s] dos dois versos: *Si damnauerit, ad Salariorum/ curraS Scrinia protinuS licebit*.

<sup>9</sup> A disposição, nos extremos do verso, de nomes e determinantes relacionados (aqui, *inuersa* e *charta*) é técnica muito usada por Catulo (Paukstadt, 1876). Aqui, essa disposição nos dois “lados” ou extremos do verso

Mas temos um outro poema catuliano, que também trata de poesia, ao qual Marcial certamente aludiu em seus versos 9-10, como bem apontou Fedeli (2004). Trata-se do poema 14, em que Catulo se queixa a seu amigo, o orador e poeta neotérico Caio Licínio Calvo, por ter dele recebido uma antologia de péssimos poemas<sup>10</sup>, e o ameaça jocosamente dizendo que vai pagar-lhe na mesma moeda. Vejamos apenas os versos finais (trad. de Oliva Neto, 1996: 77-78):

**Catulo 14.16-23**

Isso não vai ficar assim não, pérfido!,  
pois se o dia raiar, até os livreiros  
eu vou correr e os Césios, os Aquinos,  
Sufeno juntar, todos os venenos,  
e te retribuir com tais suplícios.  
Mas vós, adeus!, daqui agora ide  
lá de onde vós trouxestes pés ruins,  
tédio do séc'lo!, péssimos poetas!

Non, non hoc tibi, false, sic abibit;  
Nam, si luxerit, ad librariorum  
Curram scrinia, Caesios, Aquinos,  
Suffenum, omnia colligam uenena,  
Ac te his supliciis remunerabor .20  
Vos hinc interea, ualete, abite  
Illuc unde malum pedem attulistis,  
Saecli incommoda, pessimi poetae.

Percebe-se que Marcial retomou os versos 17-18 de Catulo, com a manutenção da estrutura de oração condicional introduzida por *si* seguida de um verbo no futuro do perfeito (*si ... luxerit*, em Catulo; *si ... damnauerit*, em Marcial), do sintagma *ad* mais substantivo indicador de atividade profissional (*librariorum* e *salariorum*, respectivamente) e do verbo *currere* seguido do mesmo termo indicador de destino (*curram scrinia* e *curras scrinia*, respectivamente)<sup>11</sup>. A disposição dos termos no esquema métrico-rítmico do verso também é parecida, mesmo porque, diferentemente do poema 95, Catulo 14 fora composto no mesmo metro de Marcial, o hendecassílabo falécio. Comparem-se:

**Catulo 14.17-18**

*nām, sī/ lūxērīt,/ ād lī/brārī/ōrūm*  
*cūrrām/ scrīnīā,/ Cāesī/ōs, Ā/quīnōs,*

**Marcial IV.86.9-10**

*sī dām/nāuērīt,/ ād sǎ/lārī/ōrūm*  
*cūrrās/ scrīnīā/ prōtī/nūs lī/cēbīt,*

Nota-se, nos versos 17 e 9, a conjunção *si* no primeiro pé (o espondeu), os verbos no futuro do pretérito no segundo pé (o dátilo) e o sintagma iniciado por *ad* formando os três troqueus finais. Nos versos 18 e 10, *curram scrinia* e *curras scrinia* formam o espondeu e o dátilo que constituem os dois primeiros pés do hendecassílabo falécio. Catulo, porém, diz que ele próprio correrá (*curram*) até as caixas/prateleiras dos

---

pode chamar a atenção para os dois lados da folha de papiro, um dois quais, o verso da folha, as crianças usarão para escrever.

<sup>10</sup> Ou de poemas que não seguiam os princípios da escola neotérica (Fordyce, 1965).

<sup>11</sup> O escrínio (*scrinium*) era uma espécie de caixa ou cofre cilíndrico (*scrinium curuum*) em que se guardavam os escritos em formato de *uolumen* (Oliveira, 1993). Mas o termo é usado também para designar outros tipos de caixa, bem como uma espécie de escrivania provida de escaninhos. Há dois dísticos, nos *Apophoreta*, que se referem a escrínios: 37 e 84.

livreiros; Marcial ordena que seu livrinho, a quem se dirige em segunda pessoa, corra (*curras*) até as caixas dos saladeiristas.

Mas a diferença fundamental é a substituição de *librarium* por *salariorum*. Catulo correrá, no dia seguinte, tão logo amanheça<sup>12</sup>, para as lojas dos livreiros, que têm em seu estoque os livros ruins necessários à sua vingança; Marcial diz a seu livro que, caso seja reprovado por Apolinar, deverá correr para as caixas dos saladeiros, onde um destino vil, ainda que justo, o aguardará.<sup>13</sup> Note-se como os intertextos com o poema catuliano reforçam a homenagem ao amigo-crítico de Marcial: receber, de tão justo e qualificado crítico como Apolinar, uma avaliação negativa significa que o livro é realmente ruim e indigno de estar à venda nas lojas dos livreiros, onde, no entanto, Catulo encontraria os péssimos poemas dos Césios, Aquinos e Sufenos que possibilitariam sua vingança. Marcial, portanto, “modestamente” considera seu livrinho, caso seja reprovado por Apolinar, como inferior mesmo a esses poetastros mencionados por Catulo, pois não estará sequer nas caixas dos livreiros (*librarium ... scrinia*), e sim nas dos saladeiros (*salariorum ... scrinia*). Não nos esqueçamos, porém, que a modéstia de Marcial é aparente e visa apenas a louvar o indivíduo homenageado no epigrama, como já mencionamos há pouco: o livrinho de Marcial só terá um destino vil e pior que o dos livros dos poetastros mencionados por Catulo se Apolinar os avaliar negativamente, enquanto que os livros dos Césios, Aquinos e Sufenos são, no poema de Catulo, irremediavelmente, independentemente de qualquer julgamento, poesia de má qualidade.

Passemos agora ao epigrama III.50, que também contém a tópica da vil destinação reservada aos livros ruins<sup>14</sup>. Nele, Marcial alveja um certo Ligurino<sup>15</sup> que o convida para jantar e, durante todos as etapas da refeição, recita vários de seus próprios livros de poemas. Irado, o poeta manda Ligurino oferecer seus poemas às sardas (*scombris*), se não quiser jantar em casa sozinho (v. 9-10):

### III.50

Só por este motivo ao jantar me convidas: pra me leres teus versos, Ligurino.	Haec tibi, non alia, est ad cenam causa uocandi, uersiculos recites ut, Ligurine, tuos.	
Mal tirei as sandálias e já um livro imenso é trazido entre o enógaro e as alfaces.	Deposui soleas, adfertur protinus ingens inter lactucas oxygarumque liber:	
Lê-se outro, enquanto atrasam os primeiros pratos, e um terceiro, e nem veio a sobremesa;	alter perlegitur, dum fercula prima morantur:	5
e recitas um quarto e, enfim, um quinto livro.	tertius est, nec adhuc mensa secunda uenit: et quartum recitas et quintum denique librum.	
Estraga o javali, se o serves tanto!	Putidus est, totiens si mihi ponis aprum.	
Se não deres às sardas teus ímpios poemas, passarás a jantar só, Ligurino.	Quod si non scombris scelerata poemata donas, cenabis solus iam, Ligurine, domi.	10

O peixe citado, como se vê (v. 9), é o mesmo de Catulo 95.8 (*scomber*). Note-se ainda a semelhança semântica (e até fonética) dos verbos utilizados (*donas* em Marcial, *dabunt* em Catulo) e a posição idêntica de *scombris* dentro do verso (com a primeira

<sup>12</sup> Como é dia de Saturnais, as lojas dos livreiros estão fechadas, de maneira que só no dia seguinte Catulo poderá se dirigir a elas (De Gubernatis, 1980).

<sup>13</sup> Marcial mescla, portanto, seus dois modelos, os poemas 95 e 14 de Catulo. O material verbal vem deste último, mas o *tópos* da destinação como papel de embrulho para peixes, reservada ao livro contendo poesia de má qualidade, foi retomada de Catulo 95.

<sup>14</sup> Este intertexto já fora indicado por Paukstadt (1876)

<sup>15</sup> Também satirizado alguns poemas antes, no mesmo livro (cf. III.44 e 45).

sílabo formando o espondeu do segundo pé e a última sílaba marcando a cesura – pentemímera – do verso), apesar de termos um pentâmetro em Catulo e um hexâmetro em Marcial. Este imitou ainda a aliteração catuliana em [s] (*ScombriS Saepe*) em *Si ... ScombriS Scelerata*. Temos, assim, não só a retomada do motivo, mas também de elementos verbais do verso de Catulo.

Por meio desses intertextos, Marcial equipara a poesia de seu anfitrião Ligurino à dos poetas criticados por Catulo no poema 95, sobretudo quanto à excessiva extensão dos poemas ou livros. Como Hortênsio, que compõe alucinadamente, Volúcio, com seus extensos *Anais*, e Antímaco, poeta cíclico que, segundo Porfirião (*apud* Oliva Neto, 1996: 247-248), “encheu 24 volumes antes de conduzir a Tebas os sete comandantes”, o Ligurino de Marcial traz, um após o outro, cinco livros seus para serem lidos durante o jantar. Ligurino, como os poetas citados, compõe excessivamente, e – pior – obriga seu convidado a ouvir a recitação de todos os livros. Mas, implícita na crítica à extensão dos livros ou ao número excessivo deles está a crítica à qualidade poética desses volumes. Em Catulo, os poetas criticados são confrontados, como já mencionamos, com o amigo do veronês, Cina, autor do epílio *Esmirna*. Esta pequena épica é, segundo Catulo, composta com vagar, com esmero (vv. 1-2) e será imortal (vv. 5-6); é uma pequena obra-prima (v. 9); as obras dos demais são feitas atabalhoadamente, sem cuidado, daí serem extensas, porém, de qualidade inferior.<sup>16</sup> No epigrama de Marcial, está também implícita a má qualidade dos livros de Ligurino, patente no conselho que, no verso 9, o epigramatista lhe dá.

Observemos, porém, o tratamento original e próprio dado por Marcial aos elementos imitados de Catulo 95. Enquanto o motivo do destino dado aos livros ruins ocupa, em Catulo, apenas dois versos (7-8), sendo mesmo um elemento acessório, periférico no poema, em Marcial constitui a base da construção do humor final, além de estar inserido em um contexto propositalmente ligado à cozinha, ao jantar e à alimentação. Em outras palavras, Marcial manda Ligurino oferecer seus poemas aos peixes não só porque esse era um destino comum dos escritos descartados, mas também porque Ligurino recitava seus poemas num *jantar* para o qual convidara o epigramatista, e os *peixes* eram um alimento frequentemente presente nas mesas romanas. Em cada etapa da *cena* romana, um livro é trazido: na entrada, entre as alfaces e o oxígaro<sup>17</sup> (vv. 3-4), quando o convidado nem bem tirou as sandálias para se reclinar no triclinio; depois, antes de chegarem os primeiros pratos, que estão demorando (v. 5); em seguida, antes de vir a sobremesa (v. 6).<sup>18</sup> A frequência com que os livros vão sendo trazidos, um após o outro, é enfatizada pela repetição aliterativa em todo o trecho: *Lactucas ... Liber* (v. 4), *Perlegitur ... Prima* (v. 5), *TerTius esT, Nec adhuc meNsa secuNda ueNiT* (v. 6), *eT QuarTum reCiTas eT QuinTum deniQue librum* (v. 7), *PuTidus esT, ToTiens si mihi Ponis aPrum* (v. 8). Finalmente, deve-se mencionar que o nome Ligurino (*Ligurinus*) é

<sup>16</sup> Sobre Volúcio especificamente, vejam-se as duras críticas que Catulo lhe faz no poema 36.

<sup>17</sup> O garo (em latim, *garum*) era um molho muito apreciado pelos antigos e produzido a partir das vísceras de peixes salgadas e deixadas em processo de maceração ao sol, durante dois ou três meses (Robert, 1995). O oxígaro (*oxygarum*) era esse molho misturado ao vinagre (*OLD*: 1985, s.v.).

<sup>18</sup> O jantar (*cena*) era a principal refeição do dia para os romanos e se iniciava após o fim das atividades diárias. Era, em geral, composta de três partes: as entradas (*gustatio*), em que se serviam ovos, frutos do mar, verduras, azeitonas e vinho adoçado com mel; a *cena* propriamente dita, formada por várias rodadas de pratos (*fercula*) e geralmente com um prato principal (*caput cenae*); e a sobremesa (*mensae secundae*), com doces e frutas (*OCD*, 1999, s.v. “meals”).

escolhido a propósito, como é típico da poesia de Marcial: é formado a partir do verbo *ligurire*, que tem, entre suas acepções, a de “comer na casa de alguém” (Gaffiot, 1934, s.v.)<sup>19</sup>. Afinal, tudo começou com um convite para jantar...

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DE GUBERNATIS, M. L. (1980). *Il Libro di Catullo*. Torino: Subalpina.
- FEDELI, P. (2004). “Marziale Catulliano”, in: *Humanitas* 56, pp. 161-189.
- FORDYCE, C. (1985). *Catullus, a Commentary*. Oxford: University Press.
- GAFFIOT, F. (1934). *Dictionnaire Illustré Latin-Français*. Paris: Hachette.
- IZAAC, H. J. (1933). *Martial. Épigrammes*. Paris: Les Belles Lettres (v. II, parte II).
- OCD ou *THE OXFORD CLASSICAL DICTIONARY* (1999). S. Hornblower & A. Spawforth. New York: Oxford University Press.
- OLD ou *OXFORD LATIN DICTIONARY*. (1985) P. G. W. Glare (ed.). New York: Oxford University Press.
- OLIVA NETO, J. A. (1996). *O Livro de Catulo*. São Paulo: Edusp.
- OLIVEIRA, J. T. (1993). *A Fascinante História do Livro*. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Itatiaia (v. 2).
- PAUKSTADT, R. (1876) “De Martiale Catulli Imitatore”. *Dissertatio (Inauguralis Philologica)*, Academia Fridericiana Halensis – Halle.
- ROBERT, J.-N. (1995). *Os prazeres em Roma*. São Paulo: Martins Fontes.

---

<sup>19</sup> Catulo usa uma variante desse verbo, *ligurrire*, no fragmento 3 (cf. De Gubernatis, 1980: 275). Devo essa lembrança ao Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.